

# o segredo de black hills

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

PRIMEIRA  
PARTE

# CORAÇÃO

*Porque onde estiver o vosso tesouro,  
aí estará também o vosso coração.*

MATEUS 6:21

## UM

*Dakota do Sul*

JUNHO, 1989

A vida de Cooper Sullivan, tal como a conhecia, tinha chegado ao fim. Juiz e júri — na forma dos pais — não se haviam deixado influenciar por súplicas, argumentos, ataques de fúria, nem ameaças, e haviam-no condenado e desterrado para longe de tudo o que conhecia e gostava, para um mundo desprovido de salas de videojogos e de Big Macs.

A única coisa que o impedia de morrer *completamente* de tédio, ou de enlouquecer simplesmente, era o seu adorado Game Boy.

Tanto quanto lhe era dado a perceber, ele e Tetris faziam companhia um ao outro durante a pena — dois meses horríveis, enfadonhos — no maldito Oeste selvagem. Ele sabia muito bem que o jogo, que o pai havia comprado praticamente à saída da linha de montagem em Tóquio, era uma espécie de suborno.

Coop tinha onze anos e não era parvo.

Praticamente ninguém nos Estados Unidos da América tinha o jogo e isso era realmente fixe. Mas para quê ter algo que todos os outros queriam, se não podia mostrá-lo aos amigos?

Era como ser somente Clark Kent ou Bruce Wayne, os inúteis alter egos dos super-heróis fixes.

Todos os seus amigos estavam a triliões de quilómetros de distância, em Nova Iorque. Deviam estar a desfrutar do verão, a fazer excursões às praias de Long Island ou a Jersey Shore. Os pais haviam-lhe prometido duas semanas num campo de basebol em julho.

Mas isso tinha sido antes.

Agora os pais estavam a caminho de Itália, França e outros sítios estúpidos, numa segunda lua de mel. Que era o mesmo que dizer que estavam a fazer um último esforço para salvar o casamento.

Não, Coop não era parvo.

Viajar na companhia do filho de onze anos não seria romântico ou lá o que era, por isso tinham-no enviado para os avós, que viviam na maldita parvónia da Dakota do Sul.

A desértica Dakota do Sul. Ele ouvira a mãe chamar-lhe assim inúmeras vezes... à exceção do dia em que lhe sorrira e dissera que ele ia viver

uma *aventura*, que ia conhecer as suas *raízes*. A «desértica» havia-se transformado em «pristina, pura e emocionante». Como se ele não soubesse que ela tinha fugido dos pais e da sua maldita quintinha assim que completara os dezoito anos!

E ali estava ele, preso no lugar de onde ela tinha fugido, e não havia feito nada para o merecer. Ele não tinha culpa que o pai não conseguisse manter a pila dentro das calças, nem que a mãe compensasse o facto comprando toda a Avenida Madison. Informações que Coop havia obtido através de uma hábil e regular escuta atrás das portas. Eles é que tinham arruinado o casamento, e ele é que fora condenado a passar um verão numa quinta de merda com uns avós que mal conhecia.

E que eram mesmo *velhos*.

Tinham-lhe dito que teria de ajudar com os cavalos, que cheiravam mal e pareciam querer morder, e com as galinhas, que cheiravam mal e bicavam.

Eles não tinham uma governanta que fazia omeletas de claras e arrumava as figuras de ação. E conduziam carrinhas em vez de carros... inclusive a avó.

Há dias que não via um táxi.

Haviam-lhe incumbido tarefas e tinha de comer comida caseira que nunca havia visto na vida! E a comida até podia ser boa, mas não era essa a questão.

A *única* televisão que existia na casa não apanhava quase nada e não havia McDonald's. Não havia nenhum restaurante chinês, nem pizzeria com serviço de entregas. Não havia amigos. Não havia parque, nem cinemas, nem salas de videojogos.

Era como se estivesse na Rússia, ou noutra qualquer.

Coop levantou os olhos do Game Boy para contemplar, através da janela, aquilo que considerava um monte de nada. Estúpidas montanhas, estúpida planície, estúpidas árvores. Tanto quanto lhe era possível ver, a mesma paisagem desde que haviam saído da quinta. Ao menos os avós tinham deixado de lhe interromper o jogo para lhe dizerem coisas sobre o que se via através da janela.

Como se lhe interessassem os malditos colonos, índios e soldados que por ali tinham andado antes de ele ter nascido. Que diabo, antes até de os pré-históricos dos avós terem nascido!

Queria lá ele saber do Cavalo Louco e do Touro Sentado! O que lhe interessava eram os X-Men e as pontuações dos jogos.

A seu ver, o facto de a cidade mais próxima da quinta se chamar Deadwood<sup>1</sup> já dizia tudo.

Ele não queria saber de *cowboys*, de cavalos, nem de búfalos. Do que ele gostava era de basebol e de videojogos... e não ia ver um *único* jogo no estádio dos Yankees durante o verão todo!

Mais valia estar morto também.

Vislumbrou um grupo do que lhe pareciam ser cervos mutantes a trotar pela erva alta, e muitas árvores e as estúpidas colinas, que eram realmente verdes. Porque é que lhes chamavam «negras» se eram verdes? Porque ele estava na maldita Dakota do Sul, onde ninguém sabia nada de nada.

O que ele não via era prédios, pessoas, ruas, vendedores ambulantes... O que ele não via era a sua cidade.

A avó virou-se para trás para olhar para ele. — Estás a ver os alces, Cooper?

— Acho que sim.

— Estamos quase a chegar à propriedade dos Chance — disse-lhe ela. — Foi simpático da parte deles terem-nos convidado para jantar. Vais gostar da Lil. Ela tem quase a tua idade.

Ele conhecia as regras. — Sim, senhora. — Como se fosse fazer amizade com uma miúda! Uma estúpida miúda do campo que provavelmente cheiraria a cavalo... e teria cara de cavalo.

Baixou a cabeça e voltou ao Tetris para que a avó o deixasse em paz. Ela fazia-lhe lembrar a mãe... se a mãe fosse velha, não pintasse o cabelo de louro, não o usasse ondulado e não usasse maquilhagem. Mas ele conseguia ver a mãe naquela velha desconhecida, de rugas em torno dos olhos azuis.

Era um bocadinho assustador.

A avó chamava-se Lucy e ele devia chamar-lhe avó.

Ela cozinhava e fazia bolos. Muitos. E pendurava lençóis e outras coisas numa corda na parte traseira da quinta. E cantava enquanto costurava e limpava a casa. Tinha uma voz bonita, para quem gostava daquele tipo de música.

A avó também ajudava a cuidar dos cavalos e Coop reconhecia que havia ficado surpreso e impressionado quando a vira saltar para o lombo de um, sem selim nem nada.

Pelo amor de Deus, ela já era *velha*! Tinha, pelo menos, uns cinquenta anos. Mas não estava nada enferrujada...

---

<sup>1</sup> *Deadwood*: madeira morta; «pessoa inútil» (coloquial). (N. da T.)

Andava quase sempre de botas, calças de ganga e camisas axadrezadas. Mas, naquele dia, estava de vestido e soltara os cabelos castanhos que usava habitualmente presos numa trança.

Coop só reparou que haviam saído daquela estrada interminável quando o caminho se tornou mais acidentado. Olhou pela janela e viu mais árvores, menos planície, e a cadeia montanhosa atrás de si. Era, basicamente, um monte de colinas verdes irregulares encimadas por rocha nua.

Ele sabia que os avós faziam criação de cavalos e os alugavam, no início dos trilhos, a turistas que queriam montá-los. Ele não entendia. Não conseguia entender por que motivo alguém quereria montar um cavalo para passear por entre rochas e árvores.

O avô conduzia ao longo da estrada de terra e Coop viu gado a pastar de ambos os lados. Ele esperava sinceramente que isso fosse sinal de que a viagem estivesse a chegar ao fim. Não estava minimamente interessado no jantar em casa dos Chance, nem em conhecer a tonta da Lil.

Mas precisava de fazer xixi.

O avô teve de parar e a avó saiu do carro para abrir a cancela de um cercado e tornar a fechá-la depois de terem passado. Quando avançavam aos solavancos pelo caminho acidentado, a bexiga de Coop começou a protestar.

Ele avistou telheiros, celeiros e estábulos; por aqueles lados, era um sinal de civilização.

Havia plantações nalguns campos e noutros corriam cavalos como se não tivessem nada melhor para fazer.

Quando finalmente vislumbrou a casa, concluiu que não diferia muito daquela em que os avós moravam. Dois andares, janelas, um grande alpendre. Só que aquela casa era azul e a dos avós era branca.

Havia muitas flores em redor da casa, que talvez pudessem ser apreciadas por alguém que não tivesse sido obrigado a aprender a mondar as que rodeavam a casa dos avós.

Uma mulher apareceu no alpendre e acenou-lhes. Também usava um vestido longo que lhe fez lembrar fotografias que havia visto de hippies. Tinha cabelos muito escuros, presos num rabo de cavalo. Em frente da casa estavam duas carrinhas e um carro.

O avô, que era um homem de poucas palavras, saiu do carro. — Olá, Jenna.

— É um gosto ver-te, Sam. — A mulher deu um beijo na face do avô e virou-se para dar um grande abraço à avó. — Lucy! Eu não te disse para

não trazerem nada? — acrescentou ela quando Lucy se virou para tirar um cesto do carro.

— Não consegui evitar. É uma tarte de cereja,

— Não vamos recusá-la, com certeza. E este deve ser o Cooper. — Jenna estendeu uma mão como faria para um adulto. — Bem-vindo.

— Obrigado.

Pousou uma mão no ombro do menino. — Vamos entrar. A Lil está ansiosa por te conhecer, Cooper. Está a concluir umas tarefas com o pai, mas eles devem estar a chegar. Queres limonada? Aposto que estás com sede, depois de uma viagem destas.

— Hum. Acho que sim. Posso ir à casa de banho?

— Claro. Temos uma dentro de casa. — Riu-se com uma expressão trocista nos olhos escuros que o deixou enrubescido de vergonha.

Era como se ela soubesse que ele havia estado a pensar no quão velho e reles tudo lhe parecia.

Jenna conduziu-o ao interior da casa, através de uma grande sala de estar e depois uma menor até chegarem a uma cozinha com aromas muito semelhantes aos da cozinha da avó.

Comida caseira.

— A casa de banho é ali. — Deu uma palmadita no ombro dele, o que o fez enrubescer ainda mais. — E se tomássemos a limonada no alpendre das traseiras e conversássemos um bocado? — perguntou Jenna aos avós dele.

A mãe ter-lhe-ia chamado lavabo. Cooper aliviou-se com alguma satisfação e lavou as mãos na pequena pia fixa no canto. Ao lado havia um toa-lheiro com toalhas azuis-claras com pequenas rosas cor-de-rosa bordadas.

Em sua casa, o lavabo tinha o dobro do tamanho, com sabonetes de luxo dentro de saboneteiras de cristal da Tiffany. As toalhas eram também muito mais macias e bordadas com monograma.

Para fazer tempo, roçou com um dedo pelas pétalas de umas margaridas brancas que estavam num estreito recipiente de madeira em cima da pia. Em sua casa, provavelmente haveria rosas. Até àquele momento, nunca havia reparado naquele tipo de coisas.

Estava com sede. O que mais desejava era beber um litro de limonada, quiçá comer um pacote de *Cheetos* e estender-se na parte de trás do carro com o seu Game Boy. Qualquer coisa seria melhor do que ser obrigado a passar *horas* sentado com um monte de desconhecidos no alpendre de uma quinta velha.

Conseguia ouvi-los ainda a conversar e a andar pela cozinha, e

perguntou-se quanto tempo conseguiria empatar antes de regressar para junto deles.

Espreitou pela pequena janela e concluiu que era a mesma merda. Cercados, currais, celeiros e silos, uns estúpidos animais de quinta e máquinas esquisitas.

Não que preferisse ter ido para Itália para andar às voltas a ver coisas velhas, mas, pelo menos, se os pais o tivessem levado, talvez comesse *pizza*.

A menina saiu do celeiro. Tinha cabelos escuros, como a hippie, por isso ele concluiu que só podia ser Lil. Usava umas calças de ganga arregaçadas, uns ténis-bota e um boné vermelho sobre o cabelo preso em duas longas tranças.

Tinha um ar desengonçado e parvo, e ele antipatizou imediatamente com ela.

Um instante depois, apareceu um homem por trás dela. Tinha cabelos louros presos num longo rabo de cavalo, o que reforçava a conclusão hippie. Também ele usava um boné. Disse algo à menina que a fez rir e abanar a cabeça. Ela começou a correr, mas o homem apanhou-a.

Coop ouviu-a soltar gargalhadas estridentes quando o homem a lançou ao ar.

Alguma vez o pai o havia perseguido?, indagou-se Coop. Alguma vez o teria lançado ao ar e de seguida feito girar em círculos vertiginosos?

Não, que se lembrasse. Ele e o pai tinham *discussões*... quando havia tempo para tal. E Cooper sabia que o tempo era sempre curto.

Aos labregos do campo não faltava tempo, pensou Cooper. Não tinham as exigências do negócio como um advogado empresarial da reputação do seu pai. Não eram Sullivan de terceira geração como o pai, com as responsabilidades que o nome acarretava.

Por isso, podiam andar o dia todo com os filhos de um lado para o outro.

Como aquela imagem estava a provocar-lhe um aperto no estômago, Cooper afastou-se da janela. Como não tinha outra opção, saiu para ser torturado o resto do dia.

\* \* \*

Lil soltou risadinhas quando o pai a fez girar uma vez mais. Quando conseguiu recuperar o fôlego, tentou lançar-lhe um olhar severo. — Ele *não* vai ser meu amigo!



— Isso é o que tu dizes agora — disse Josiah Chance, fazendo-lhe umas cócegas. — Mas eu vou manter aquele esertinho da cidade debaixo de olho.

— Eu não quero nenhum namorado — afirmou Lil, acenando desdenhosamente com a mão, com a altivez e a convicção de alguém prestes a completar dez anos. — Dão muito trabalho.

Joe puxou-a para si e esfregou a face na da filha. — Daqui a uns anos vou recordar-te isso. Parece que já chegaram. É melhor irmos cumprimentá-los e lavar-nos.

Ela não tinha propriamente nada *contra* os rapazes, refletiu Lil. E sabia comportar-se diante de estranhos. Mas, ainda assim... — E se eu não gostar dele, vou ter de brincar com ele na mesma?

— Ele é nosso convidado. E é a primeira vez que vem à nossa terra. Não gostavas que alguém da tua idade fosse simpático para ti, se caísse de paraquedas em Nova Iorque?

Lil franziu o seu delgado nariz. — Eu não quero ir a Nova Iorque.

— Aposto como ele também não queria vir para cá.

Ela não conseguia entender porquê. Ali havia tudo — cavalos, cães, gatos, montanhas, árvores. Mas os pais haviam-lhe ensinado que as pessoas podiam ser muito parecidas, mas também muito diferentes umas das outras.

— Eu vou ser simpática para ele. — Pelo menos, no início.

— Mas nem penses em fugir para casar com ele.

— Pai!

Lil revirou os olhos no momento em que o menino saiu para o alpendre e examinou-o como se examinasse um novo espécime.

Ele era mais alto do que ela imaginara e tinha os cabelos da cor de cortiça de pinheiro. Parecia... zangado ou triste; ela não conseguia perceber bem. Mas nenhuma das hipóteses era animadora. A roupa era inequivocamente cidadina; calças de ganga escuras que não haviam sido usadas, nem lavadas, muitas vezes, e camisa branca engomada. O menino aceitou o copo de limonada que a mãe dela ofereceu e observou Lil com a mesma circunspeção com que ela o observava.

Cooper sobressaltou-se com o grito de um falcão e Lil teve de se controlar para não rir. A mãe não gostava que ela fizesse troça das visitas.

— Sam. — De sorriso rasgado no rosto, Joe estendeu uma mão. — Como vai isso?

— Não me posso queixar.

— E tu estás muito bonita, Lucy.

— Fazemos o que podemos com o que temos. Este é o nosso neto Cooper.

— Prazer em conhecer-te, Cooper. Bem-vindo a Black Hills. Esta é a minha filha Lil.

— Olá. — Lil inclinou a cabeça. Ele tinha olhos azuis; um azul gélido como o topo das montanhas. Não esboçou qualquer sorriso; nem com os lábios, nem com os olhos.

— Joe, leva a Lil e vão lavar-se. Vamos comer cá fora — acrescentou Jenna. — Está um belo dia para isso. Cooper, senta-te aqui ao meu lado e conta-me o que gostas de fazer em Nova Iorque. Nunca lá fui.

Lil sabia, por experiência própria, que a mãe era capaz de pôr qualquer pessoa a falar e a sorrir. Mas Cooper Sullivan, de Nova Iorque, parecia ser a exceção. Respondia quando falavam com ele, comportava-se, mas pouco mais. Sentaram-se todos à mesa de piquenique, uma das coisas preferidas de Lil, e banquetearam-se com frango frito, pãozinhos, salada de batata e feijão-verde que a mãe havia enlatado após a última colheita.

O tema da conversa variava entre cavalos, gado, colheitas, o tempo, livros e a vida dos vizinhos — tudo o que importava no mundo de Lil.

Embora, aos olhos de Lil, Cooper estivesse tão hirto como a própria camisa, o menino conseguiu repetir todos os pratos, embora, fora isso, mal abrisse a boca.

Até o pai dela começar a falar de basebol.

— Este ano, Boston vai quebrar a maldição.

Cooper bufou e encolheu os ombros.

Com a descontração habitual, Joe pegou no cesto de biscoitos e ofereceu-o ao menino. — Ah, claro, o Sr. Nova Iorque. Yankees ou Mets?

— Yankees.

— Lamento. — Fingindo compaixão, Joe abanou a cabeça. — Não este ano, miúdo.

— Temos uma equipa forte e bons batedores. Senhor — acrescentou ele como se se tivesse lembrado à última hora.

— Baltimore já está à frente.

— Foi sorte. No ano passado não conseguiram nada e este ano também não vão conseguir.

— Quando fraquejarem, os Red Sox vão saltar em cima deles.

— Rastejar, talvez.

— Ora, um espertinho. — Cooper empalideceu ligeiramente, mas Joe continuou como se não tivesse reparado na reação do menino. — Não te esqueças de que temos o Wade Boggs e o Nick Esasky. E também...

— Don Mattingly, Steve Sax.

— George Steinbrenner.

Pela primeira vez, Cooper sorriu. — Bem, não podem ter tudo.

— Deixa-me consultar a minha perita. Sox ou Yankees, Lil?

— Nenhum dos dois. Baltimore. Tem a juventude, a força. Tem o Frank Robinson. Boston joga bem, mas não vai conseguir. Quanto aos Yankees... Nem pensar, não este ano.

— É a minha única filha e magoa-me desta maneira. — Joe levou uma mão ao peito. — Costumas jogar em Nova Iorque, Cooper?

— Sim, senhor. Segunda base.

— Lil, vai com o Cooper para as traseiras do celeiro. Podem digerir o jantar a treinar umas tacadas.

— Ok.

Cooper desceu do banco. — Obrigado pelo jantar, Sra. Chance. Estava muito bom.

— De nada.

Quando as crianças se afastavam, Jenna olhou para Lucy. — Pobrezinho — murmurou.

Os cães correram a atravessar o campo à frente das crianças. — Eu jogo em terceira base — disse Lil a Coop.

— Onde? Não há nada aqui.

— Nos arredores de Deadwood. Temos um campo, e um campeonato. Vou ser a primeira mulher a jogar basebol na liga profissional.

Coop voltou a bufar. — As mulheres não podem ser profissionais. É a realidade.

— O que é agora não tem de ser para sempre. É o que a minha mãe costuma dizer. E quando eu terminar a minha carreira como jogadora, vou ser dirigente.

Coop fez um sorriso trocista e, embora furiosa, Lil gostou mais dele por isso. Pelo menos já não parecia tão hirto como a própria camisa.

— Tu não sabes cheta.

— O que é cheta?

Ele riu-se, e embora Lil soubesse que estava a troçar dela, decidiu dar-lhe mais uma oportunidade antes de o admoestar.

Ele era visita. E estava fora do seu ambiente.

— Como jogam em Nova Iorque? Pensava que havia prédios por todo o lado.

— Jogamos no Central Park, e às vezes em Queens.

— O que é Queens?

— É um dos distritos.

— Distritos?

— Sim. Deus do Céu, que pacóvia... É uma parte da cidade, um lugar.

Lil parou, apoiou as mãos nas ancas e lançou-lhe um olhar fulminante.

— Quando tentas fazer alguém sentir-se estúpido por fazer uma pergunta, então o estúpido és tu.

Cooper encolheu os ombros e dobrou com ela a esquina do grande celeiro vermelho.

O lugar cheirava a animais, a pó e a excrementos. Cooper não entendia como era possível alguém querer viver com aquele maldito cheiro e com os incessantes cacarejos, fungadelas e mugidos. Estava prestes a fazer um comentário escarnecedor acerca do assunto — afinal, ela não passava de uma miúda — quando viu a gaiola de rebatidas.

Não era igual à que estava habituado, mas parecia-lhe bastante bem. Alguém, presumivelmente o pai de Lil, havia construído três lados com rede de arame. A parte traseira dava para umas moitas de silvas que precediam um campo de pasto onde o gado deambulava sem nada para fazer. Junto ao celeiro, sob um dos beirais do telhado, havia uma caixa desgastada pelo tempo. Lil abriu-a para tirar luvas, tacos e bolas.

— O meu pai e eu treinamos quase todas as noites depois do jantar. Às vezes a minha mãe lança-me as bolas, mas não tem força no braço. Podes bater tu primeiro, se quiseres, porque és visita, mas vais ter de usar capacete. É a regra.

Coop colocou o capacete que Lil lhe ofereceu e analisou o peso de alguns tacos. A sensação de ter um na mão era quase tão boa como ter um Game Boy. — O teu pai treina contigo?

— Claro. Ele jogou umas temporadas na liga juvenil do Leste, por isso é bastante bom.

— A sério? — perguntou Coop, sem sinal de escárnio. — Ele foi jogador profissional?

— Um quantas temporadas. Mas lesionou o ombro e foi obrigado a parar. Então, decidi visitar o campo e acabou por vir viver para cá. Ele trabalhava para os meus avós, esta quinta era deles, e conheceu a minha mãe. E pronto. Queres treinar?

— Sim. — Coop dirigiu-se para a gaiola de rebatidas e brandiu o taco um par de vezes. Colocou-se a postos. Lil lançou uma bola direita e lenta e ele acertou em cheio e projetou-a em direção ao campo.

— Boa tacada. Temos seis bolas. Apanhamo-las no final. — Lil agarrou noutra bola, preparou-se e fez um novo lançamento fácil.

Coop sentiu uma ponta de entusiasmo quando viu a bola sair disparada em direção ao campo. Após a terceira tacada, meneou as ancas enquanto esperava pelo lançamento seguinte.

Lil lançou a bola, que passou por ele como uma flecha. — Bom golpe — comentou ela simplesmente quando ele a fitou de olhos semicerrados.

Cooper levantou mais um pouco o taco e raspou com os calcanhares. Ela enganou-o com uma bola curva e baixa. Ele acertou de raspão na bola seguinte, que foi embater contra a rede.

— Podes devolver essas três, se quiseres — disse-lhe ela. — Eu lanço-te mais umas.

— Não é preciso. Agora és tu. — E ia dar-lhe uma lição.

Trocaram de posições. Em vez de começar suavemente, Coop fez um lançamento com força. Lil conseguiu tocar na bola por forma a invalidar o lançamento. Acertou na segunda bola, projetando-a para cima, e acertou em cheio na terceira. Coop viu-se obrigado a admitir que se estivessem num campo de basebol, ela teria feito uma bela jogada.

— És bastante boa.

— Gosto das bolas altas. — Lil encostou o taco à rede e dirigiu-se para o campo. — No próximo sábado há jogo. Podias vir.

Um estúpido jogo de parolos. Bem, seria melhor que nada, pensou ele. — Talvez.

— Tu costumavas ir aos jogos de verdade? Como ao estádio dos Yankees?

— Claro. O meu pai tem bilhetes para a temporada completa, em lugares de tribuna, mesmo atrás da linha de terceira base.

— Não acredito!

Sabia-lhe bem — um bocadinho — impressioná-la. E não era assim tão mau ter alguém, mesmo que fosse uma miúda do campo, com quem falar sobre basebol. Além disso, ela sabia manejar bola e taco, e isso era um grande bónus.

Ainda assim, Coop limitou-se a encolher os ombros e observou Lil a enfiar-se por entre os fios de arame farpado sem qualquer dificuldade. E não se queixou quando ela se virou e afastou os arames para que também ele passasse.

— Nós vemos na televisão, ou ouvimos no rádio. E, uma vez, fomos até Omaha para ver um jogo. Mas eu nunca estive no campo de uma equipa da primeira liga.

E esse facto fez Cooper lembrar-se de onde estava. — Vocês estão a um milhão de quilómetros de um estádio. De qualquer coisa.

— O meu pai diz que um dia vamos passar férias ao Leste. Provavelmente iremos a Fenway Park, porque ele é fã dos Red Sox. — Lil encontrou uma bola e enfiou-a no bolso traseiro. — Ele gosta de torcer pelos mais fracos.

— O meu pai diz que é mais inteligente torcer pela equipa mais forte.

— Quase toda a gente faz isso, por isso alguém tem de torcer pelos mais fracos... — Lil dirigiu-lhe um largo sorriso e agitou as longas pestanas sobre os seus olhos castanhos-escuros. — E este ano será Nova Iorque.

Coop não conseguiu conter o sorriso. — Dizes tu. — Apanhou uma bola e passou-a entre uma mão e outra enquanto caminhavam em direção ao arvoredo. — Mas o que fazem vocês com estas vacas todas?

— Criamo-las e depois vendemo-las. As pessoas comem-nas. Aposto como até as pessoas de Nova Iorque gostam de bifes.

Connor achou repulsiva a ideia de que a vaca que estava naquele momento a olhar para si fosse parar um dia ao prato de alguém... talvez ao seu.

— Tens animais de estimação? — perguntou-lhe ela.

— Não.

Lil não conseguia imaginar-se sem animais por perto, por toda a parte, o tempo todo. E a ideia de não ter nenhum provocou-lhe um nó de tristeza na garganta.

— Na cidade deve ser mais difícil. Os nossos cães... — Calou-se por instantes para olhar em volta e avistou-os. — Ainda agora estavam a correr por aqui e já voltaram para junto da mesa a ver se lhes dão algumas sobras. São bons cães. Se quiseres, podes vir cá brincar com eles e também treinar com o taco.

— Quem sabe. — Cooper olhou para ela de relance. — Obrigado.

— Não conheço muitas raparigas que gostem de basebol. Nem de caminhadas e pesca. Eu gosto. O meu pai está a ensinar-me a rastrear. Foi o meu avô, o pai da minha mãe, que o ensinou. Ele é muito bom.

— Rastrear?

— A seguir o rasto de animais e pessoas. Por diversão. Existem muitos rastros para explorar.

— Se o dizes.

Ela inclinou a cabeça perante o tom de desdém. — Já acampaste alguma vez?

— Para quê?

Lil limitou-se a sorrir. — Daqui a pouco vai escurecer. É melhor apanharmos a última bola e regressarmos. Se vieres cá outra vez, pode ser que o meu pai jogue ou possamos ir dar uma volta. Gostas de montar?

— Estás a falar de cavalos? Não sei montar. Parece-me uma idiotice.

Ela retorquiu furiosamente, como se disparasse uma bola longa e alta. — Não é idiotice! E é idiota dizer isso só porque não sabes montar. Além disso, é divertido. Quando nós... — Lil estacou subitamente, susteve a respiração e agarrou no braço de Coop. — Não te mexas.

— O que foi? — Como a mão dela estava a tremer, o coração dele deu um salto. — É uma cobra?

Em pânico, ele começou a perscrutar a erva.

— Um puma — sussurrou ela. Lil manteve-se imóvel como uma estátua, com a mão a tremer no braço dele, a fitar o matagal.

— O quê?! Onde? — Desconfiado, convencido de que ela estava só a gozar com ele e a tentar assustá-lo, Cooper tentou libertar-se da mão dela. Não estava a ver nada para além de mato, de árvores, de colinas rochosas. Então, de repente, viu a sombra. — Merda! Que grande merda!

— Não corras. — Ela olhava fixamente, como se estivesse hipnotizada. — Se correres, ele vai atrás de ti e ele é muito mais rápido do que tu. Não! — Puxou-lhe o braço quando ele se endireitou e apertou a bola com força. — Não atires nada. Ainda não. A minha mãe diz... — Ela não conseguia lembrar-se de tudo o que a mãe lhe havia dito. Ela nunca tinha visto um felino daquele porte, não tão perto da quinta. — Temos de fazer barulho e... e parecermos maiores. — A tremer, Lil pôs-se em bicos de pés, levantou bem os braços e começou a gritar. — Vai-te embora! Sai daqui!... Grita! — gritou ela a Cooper. — Mostra-te maior e mau!

Os olhos dela, penetrantes e escuros, mediam o puma de uma ponta à outra. Com o coração a retumbar de medo, ela sentiu-se dominada por uma outra sensação.

Admiração.

Ela conseguia ver os olhos do puma a cintilarem no lusco-fusco, a cintilarem enquanto fixavam os dela. Com a garganta seca, ela pensou: *É lindo. É tão lindo.*

Com poderosa elegância, o animal andava de um lado para o outro, observando-os como se tentasse decidir se havia de atacar ou retirar.

Ao lado dela, Coop gritou com a voz tomada pelo medo. Lil viu o felídeo esgueirar-se para uma zona de maior sombra. E depois afastar-se com um salto, um borrão de ouro fosco que a deixou deslumbrada.

— Fugiu. Ele fugiu.

— Não, ele não fugiu — murmurou Lil. — Ele voou.

Apesar do zumbido nos ouvidos, ela ouviu o pai chamá-la e virou-se. O pai atravessava o campo a correr, fazendo dispersar o gado assustado. Metros atrás dele, o avô de Coop corria também, carregando uma carabina que Lil supôs que fosse do seu pai. Os cães aproximavam-se também a correr, bem como a sua mãe, com uma espingarda, e a avó de Coop.

— Puma — disse ela antes de Joe a levantar nos braços. — Ali. Já se foi embora.

— Entrem na casa. Coop. — Com o braço livre, Joe puxou Coop de encontro a si. — Os dois, para dentro. Agora.

— Ele foi-se embora, pai. Nós assustámo-lo.

— Vão! Puma — disse ele quando Jenna ultrapassou Sam e chegou junto deles.

— Oh, meu Deus! Vocês estão bem. — Pegou em Lil e entregou a espingarda a Joe. — Estão bem. — Beijou a face de Lil, os seus cabelos, e depois baixou-se para fazer o mesmo a Coop.

— Leva-os para casa, Jenna. Leva os miúdos e a Lucy para dentro.

— Venham. Venham. — Jenna abraçou as duas crianças e olhou para o rosto sério de Sam, que acabava de se juntar a eles. — Tenham cuidado.

— Não o mates, pai! — gritou Lil enquanto a mãe a puxava. — Era tão lindo. — Perscrutou o mato, as árvores, na esperança de o vislumbrar. — Não o mates!

## DOIS

Coop teve um par de pesadelos. Num deles, o puma, com os seus cintilantes olhos amarelos, entrara pela janela do quarto e devorara-o em vorazes dentadas antes de ele sequer ter tempo de gritar. Noutro, estava perdido nas montanhas, no meio da imensidade verde e rochosa; ninguém fora à sua procura, ninguém havia dado pela sua ausência.

O pai de Lil não tinha matado o puma. Pelo menos, Coop não ouvira nenhum disparo. Quando o seu avô e o Sr. Chance haviam voltado para



casa, tinham todos comido tarte de cereja e gelado caseiro e conversado sobre outras coisas.

De propósito. Coop conhecia bem os estratagemas dos adultos. Ninguém falaria sobre o que havia acontecido até ele e Lil se deitarem, para não poderem escutar a conversa.

Resignado e ressentido com a sua prisão, Coop executava as suas tarefas, comia as refeições, jogava Game Boy. A sua esperança era conseguir um dia de liberdade condicional, se fizesse o que lhe era dito, para poder ir de novo à quinta dos Chance treinar rebates.

Talvez o Sr. Chance jogasse também, e assim poderia perguntar-lhe como era jogar basebol profissional. Coop sabia que o seu pai esperava que fosse para Direito, para trabalhar na firma da família. Que um dia se tornasse um advogado de renome. Mas, quiçá, talvez ele pudesse tornar-se antes um jogador de basebol.

Se fosse bastante bom.

Com os pensamentos no basebol, na hipótese de escape, na sua triste sentença, o grande felídeo de olhos amarelos parecia não passar de mais um sonho.

Em absoluto silêncio, sentado à velha mesa da cozinha, Cooper comia as panquecas que a avó havia preparado para o pequeno-almoço, enquanto ela continuava de volta do fogão. O avô já estava no exterior a trabalhar na quinta. Embora o Game Boy estivesse proibido à mesa, Cooper comia lentamente porque sabia que, quando terminasse, teria de ir realizar as tarefas que lhe competiam.

Lucy verteu café para uma espessa caneca branca, levou-a para a mesa e sentou-se em frente do neto. — Bem, Cooper, já estás connosco há duas semanas.

— Parece que sim.

— Chegou a hora de acabares com essa melancolia. És um bom menino, inteligente. Fazes o que te dizemos, sem reclamar. Pelo menos, não em voz alta.

A expressão nos olhos da avó — penetrante, mas não reprovadora — indicava-lhe que ela sabia que ele reclamava em pensamento. E muito.

— Essas são boas qualidades. Também tens tendência a amuar, a não dizeres um pio e a arrastares-te por aqui como se estivesses numa prisão. Isso já não é assim tão bom.

Cooper manteve-se em silêncio e o seu desejo era ter comido mais depressa o pequeno-almoço e ter já saído dali para fora. Encolheu os ombros

e baixou a cabeça, ciente de que estavam prestes a ter uma *discussão*. Pela sua experiência, isso queria dizer que a avó ia enumerar as coisas que ele fazia mal, dizer que esperava mais dele e que ele era uma desilusão.

— Sei que estás zangado, e com todo o direito. Por isso te demos estas duas semanas. — Com os olhos fixos no prato, Cooper pestanejou e franziu o sobrolho. — O facto, Cooper, é que eu estou zangada *por* ti. Os teus pais tiveram uma atitude egoísta e não te levaram em consideração quando a tomaram.

O menino levantou apenas ligeiramente a cabeça, mas os seus olhos foram ao encontro dos da avó. Talvez fosse um truque, pensou, e ela estivesse a dizer aquilo para que ele dissesse alguma coisa má... Para depois poder castigá-lo. — Eles podem fazer o que quiserem.

— Pois podem. — Lucy anuiu bruscamente com a cabeça enquanto bebia o café. — Isso não quer dizer que devessem fazê-lo. Eu gosto de te ter cá, e o teu avô também. Sei que ele não é um homem de muitas palavras, mas estou a dizer-te a verdade. Mas isso também é egoísta da nossa parte. Nós queremos-te cá, queremos conhecer-te melhor, passar mais tempo contigo. Mas tu não queres estar aqui e isso entristece-me. — A avó estava a olhá-lo diretamente nos olhos. E não parecia ser um truque. — Eu sei que queres estar em casa, — continuou ela, — com os teus amigos. Sei que queres ir para o campo de férias de basebol, como eles te tinham prometido. Sim, eu sei.

Lucy anuiu novamente com a cabeça e, enquanto bebericava o café, olhou pela janela com uma expressão severa. Parecia estar realmente zangada, como havia dito. Mas não *com* ele. Parecia realmente estar zangada *por* ele.

E isso era algo que ele não compreendia... e que lhe provocava um aperto no peito.

— Eu sei — repetiu ela. — Um menino da tua idade não tem muito a opinar, não tens muitas escolhas. Elas hão de vir, mas, por enquanto, não as tens. Podes aproveitar ao máximo o que tens ou mergulhas na tristeza.

— Eu só quero ir para casa. — Ele não tencionara dizê-lo em voz alta, apenas em pensamento. Mas as palavras escaparam subitamente daquele peito apertado.

Lucy voltou a olhar para o neto. — Eu sei, querido. Sei que sim. Quem me dera poder fazer isso por ti. Podes não acreditar em mim... Não me conheces muito bem, por isso é provável que não acredites... Mas eu queria mesmo dar-te o que queres.

Não se tratava de acreditar ou não; a avó conversava com ele...

conversava com ele como se ele fosse importante. Por isso as palavras, acompanhadas de tristeza, saíram-lhe em catadupa: — Eles mandaram-me embora e eu não fiz nada de mal! — disse ele com a voz embargada. — Não quiseram que eu fosse com eles. Não me quiseram.

— Mas nós queremos. Eu sei que isso não te serve muito de consolo neste momento. Mas sabes que é verdade, acreditas nisso. Pode ser que, de futuro, venhas a precisar de um lugar. Sabes que sempre terás um aqui.

Então, ele verbalizou o pior. O pior que se escondia dentro de si. — Eles vão divorciar-se.

— Sim, creio que estás certo.

Cooper limitou-se a pestanejar e a fitar a avó, porque esperara que ela lhe dissesse que não era verdade, que fingisse estar tudo bem. — E depois, o que me vai acontecer?

— Tu vais ultrapassar isso.

— Eles não me amam.

— Nós amamos. Nós amamos — disse ela, com firmeza, quando ele voltou a baixar a cabeça e a sacudiu. — Em primeiro lugar, porque és do nosso sangue. És família. Em segundo, porque sim. — Quando viu duas lágrimas caírem em cima do prato dele, Lucy prosseguiu: — Não posso falar sobre o que eles sentem, o que pensam. Mas posso falar sobre o que fazem. Estou furiosa com eles. Estou furiosa por te terem magoado. As pessoas vão dizer que é apenas um verão, que não é o fim do mundo. Mas as pessoas que dizem isso já não se lembram de como é ter onze anos. Não posso obrigar-te a sentires-te feliz por estares aqui, Cooper, mas vou pedir-te uma coisa, apenas uma coisa, que poderá ser difícil para ti. Vou pedir-te para tentares.

— É tudo diferente aqui.

— Claro que sim. Mas pode ser que encontres alguma coisa que gostes nessa diferença. E, se o fizeres, o final de agosto não parecerá assim tão longínquo. Faz isso, Cooper, esforça-te e eu convenco o teu avô a comprar uma televisão nova. Uma que não precise daquelas orelhas de coelho.

Ele fungou. — E se eu tentar e continuar a não gostar de nada?

— Basta que tentes, verdadeiramente.

— Quanto tempo terei de tentar para comprarem a televisão nova?

Lucy riu-se com vontade e, por algum motivo, o som do seu riso fez os lábios de Cooper curvarem-se e o peito descomprimir. — Bom menino. Que bom para ti. Digamos, duas semanas. Duas semanas de melancolia, e agora duas semanas para tentares acabar com ela. Se te esforçares

verdadeiramente, podes apostar que terás uma televisão nova na sala de visitas. Combinado?

— Sim, senhora.

— Muito bem. E agora porque não vais à procura do teu avô? Ele tem um projeto novo qualquer lá fora e pode precisar de uma ajuda.

— Ok. — Cooper levantou-se. Mais tarde, não saberia por que motivo desembuchou. — Eles gritam muito e nem sequer sabem que eu estou a ouvir. O meu pai anda a dormir com outra pessoa. Acho que ele costuma fazer muito isso.

Lucy soltou um longo suspiro. — Andas a escutar atrás das portas, rapazito?

— Às vezes. Mas outras vezes gritam tão alto que não preciso de me pôr à escuta. Quando eu falo, eles nunca me ouvem. Às vezes, fingem que sim; outras vezes, nem sequer fingem. Eles não querem saber se eu gosto de alguma coisa, desde que esteja sossegado e não os incomode.

— Isso também é diferente aqui.

— Pois, acho que sim. Talvez seja.

Quando saiu, Cooper não sabia o que pensar. Nunca nenhum adulto havia falado com ele daquela maneira, nem escutado com aquela atenção. Ele nunca ouvira alguém criticar os pais... bem, à exceção dos próprios.

A avó havia dito que o queriam. Nunca ninguém lhe havia dito tal coisa. Dissera-o mesmo sabendo que ele não os queria e não lhe parecia que o tivesse dito para que ele se sentisse mal... Parecia que o havia dito porque era verdade.

Cooper parou e olhou em volta. Podia tentar, claro, mas o que podia encontrar ali que lhe agradasse? Um monte de cavalos, de porcos e de galinhas. Um monte de campos, de montes e de nada.

Ele gostava das panquecas da avó, mas não lhe parecia que ela se referisse a isso.

Enfiou as mãos nos bolsos e dirigiu-se para o outro lado da casa, de onde vinha o som de marteladas. Agora teria de fazer companhia ao seu estranho e tão calado avô. Como queriam que gostasse *disso*?

Dobrou a esquina e viu Sam junto ao grande celeiro com o silo branco. E o que Sam estava a cravar no solo com uma espécie de estacas metálicas deixou Coop sem palavras.

Uma gaiola de rebatidas.

Sentiu uma vontade súbita de correr, de atravessar o pátio sujo a toda a

velocidade. Mas obrigou-se a andar. Talvez fosse apenas parecida com uma gaiola de rebatidas. Podia ser algo para os animais.

Sam levantou os olhos e deu mais uma martelada na estaca. — Estás atrasado para as tuas tarefas.

— Sim, senhor.

— Já alimentei o gado, mas terás de colher os ovos daqui a pouco.

— A avó disse que o senhor estava a precisar de ajuda num projeto.

— Não. Está quase feito. — Com o pequeno martelo na mão, Sam endireitou-se e recuou. Examinou a gaiola em silêncio. — Os ovos não vão saltar sozinhos para dentro do balde — disse por fim.

— Não, senhor.

— Talvez... — disse ele arrastadamente quando Coop virou costas. — Eu possa lançar-te umas bolas depois de concluíres as tarefas. — Sam afastou-se e pegou no taco que havia encostado à parede do celeiro. — Podes usar isto. Acabei-o esta noite.

Estupefacto, Cooper pegou no taco e deslizou as mãos pela madeira lisa. — Foi o senhor que o fez?

— Não havia motivo para o comprar.

— Tem... tem o meu nome. — Coop passou delicadamente os dedos sobre o nome entalhado na madeira.

— Assim sabes que é teu. Estás a pensar colher os ovos ainda hoje?

— Sim, senhor. — Devolveu o taco a Sam. — Obrigado.

— Não te cansas de ser tão educado, rapaz?

— Sim, senhor.

Os lábios de Sam ameaçaram um sorriso. — Vai lá.

Coop começou a correr em direção ao galinheiro, parou e virou-se para trás. — Avô? Pode ensinar-me a montar?

— Faz as tuas tarefas. Depois veremos.

\* \* \*

Havia algumas coisas que lhe agradavam, pelo menos um bocadinho. Ele gostava de treinar tacadas depois do jantar e da forma como o avô o surpreendia de vez em quando com movimentos exagerados antes de lançar a bola. Gostava de montar *Dottie*, a pequena égua, dentro do cercado; pelo menos depois de ter conseguido vencer o receio de levar coices e mordidas.

Afinal, os cavalos não cheiravam assim tão mal... depois de uma pessoa começar a gostar deles, ou de os montar sem se borrar de medo.

Coop gostou de ver a tempestade repleta de relâmpagos que chegou uma noite como uma emboscada, cortando e queimando o céu. Ele gostava até, um bocadinho, de se sentar à janela do quarto a contemplar a paisagem. Continuava a sentir saudades de Nova Iorque, e dos amigos, da sua vida, mas era interessante ver tantas estrelas e ouvir a casa sussurrar no silêncio.

Ele não gostava das galinhas — nem do cheiro, nem do som, nem do olhar malévolos que lhe lançavam quando ia colher os ovos. Mas gostava bastante dos ovos, quer fossem cozinhados ao pequeno-almoço, quer misturados com farinha para fazer a massa dos bolos e dos biscoitos.

O grande frasco de vidro da avó tinha sempre biscoitos.

Ele não gostava de visitas lá em casa e também não gostava de ir à cidade com os avós, pois as pessoas olhavam-no de alto a baixo e diziam coisas como: «Então, é este o menino da Missy!» (A mãe, batizada de Michelle, era conhecida por Chelle em Nova Iorque.) E diziam também que era a cara chapada do avó... que era *velho!*

Ele gostava de ver a carrinha dos Chance aproximar-se da quinta aos solavancos, ainda que Lil fosse uma menina.

Lil sabia jogar basebol e não passava o tempo às risadinhas como a maior parte das miúdas que ele conhecia. Ela não ouvia os New Kids on the Block a toda a hora, nem suspirava por eles. Mais uma vantagem.

Ela montava melhor do que ele, mas não gozava com ele por causa disso. Bem... não muito. Ao fim de algum tempo, Coop já não tinha a sensação de estar na companhia de uma miúda... era apenas Lil.

E uma semana — não duas — após a conversa à mesa da cozinha, apareceu uma televisão novinha em folha na sala de visitas.

— Não fazia sentido esperar — disse a avó. — Tu cumpriste a tua parte do acordo. Estou orgulhosa de ti.

Cooper não se recordava de alguma vez na vida alguém ter ficado orgulhoso consigo, nem de ter dito tal coisa, apenas por ele se ter esforçado.

Assim que concluiu as suas tarefas, foi autorizado a ir passear a cavalo com Lil, desde que se mantivessem nos campos e não se afastassem muito da casa.

— Então? — perguntou Lil enquanto cavalgavam pelo meio da erva.

— O quê?

— É uma idiotice?

— Talvez não. Ela é bastante fixe. — Fez umas festas no pescoço de *Dottie*. — Gosta de maçãs.

— Quem me dera que nos deixassem ir passear para as montanhas,

para vermos coisas realmente interessantes. Só posso ir com o meu pai ou a minha mãe. Só que... — Lil olhou em volta, como que para verificar se estaria alguém à escuta. — Uma manhã destas consegui esgueirar-me, antes do nascer do Sol. Tentei seguir o rasto do puma.

Coop sentiu os olhos saltarem-lhe das órbitas. — És louca?!

— Li tudo sobre eles. Fui buscar livros à biblioteca. — Lil usava um chapéu de *cowboy* castanho e uma longa trança sobre o ombro. — Eles quase nunca incomodam as pessoas. E não se aproximam de uma quinta como a nossa, a não ser que estejam em migração, ou coisa do estilo. — Lil transbordava entusiasmos quando se virou de frente para o boquiaberto Coop. — Foi tão fixe! Foi simplesmente fantástico! Encontrei excrementos, pegadas e tudo. Mas depois perdi-lhe o rasto. Eu não queria ter ficado tanto tempo e quando voltei para casa os meus pais já se tinham levantado. Tive de fingir que estava a sair de casa. — Contraí os lábios e fitou-o intensamente. — Não podes dizer nada a ninguém.

— Eu não sou nenhum queixinhas. — Que insulto. — Mas não podes sair assim sozinha. Caraças, Lil!

— Eu sei seguir rastros. Não tão bem como o meu pai, mas sou bastante boa. E conheço os trilhos. Nós fazemos muitas caminhadas pela floresta e acampamos e tudo. Eu levei a bússola e o meu kit.

— E se o puma estivesse lá?

— Eu tinha-o visto outra vez. Ele olhou para mim no outro dia; olhou fixamente. Foi como se me conhecesse e eu tive a sensação... tive a sensação de que me conhecia realmente.

— Ora!

— A sério. O avô da minha mãe era sioux.

— Era um índio?

— Sim. Ameríndio — corrigiu ela. — Lakota Sioux. Chamava-se John Swiftwater, e a sua tribo... quer dizer, o seu povo... viveu aqui por várias gerações. Tinham espíritos animais. Talvez o puma fosse o meu.

— Não era o espírito de ninguém.

Lil olhou para as montanhas. — Eu ouvi-o naquela noite. Muito depois de o termos visto. Ouvi-o gritar.

— Gritar?

— É um som que eles fazem porque não conseguem rugir. Só os grandes felinos, como os leões, conseguem rugir. É um som gutural. Esqueci-me de como se chama. Vou ter de procurar outra vez. Seja como for, eu só queria encontrá-lo.

Cooper não pôde deixar de admirar o que ela havia feito, mesmo que fosse loucura. Ele não conhecia nenhuma rapariga capaz de se esgueirar de casa para perseguir um puma. À exceção de Lil. — Se ele te tivesse encontrado, o mais provável era ter-te transformado em pequeno-almoço.

— Não podes dizer nada a ninguém.

— Já te disse que não, mas também não podes esgueirar-te para ires atrás dele outra vez.

— Eu acho que se ele voltasse, já teria aparecido. Para onde terá ido?

— Lil olhou de novo para as montanhas. — Podíamos ir acampar. O meu pai gosta muito. Seguimos um trilho pelas montanhas e acampamos uma noite. Os teus avós deixavam-te com certeza.

— Dormir numa tenda? Nas montanhas? — A ideia era simultaneamente assustadora e empolgante.

— Sim. Apanhávamos peixe para o jantar e víamos as cascatas, búfalos e todo o tipo de vida selvagem. Quem sabe até o puma. Quando vamos até ao topo, conseguimos ver Montana. — Lil virou-se para trás quando ouviu tocar a sineta para o jantar. — Hora de comer. Vamos acampar. Vou pedir ao meu pai. Vai ser divertido.

\* \* \*

Cooper foi acampar e aprendeu a iscar um anzol. Viveu a emoção arrepiante de estar sentado à fogueira a ouvir o uivo ecoante de um lobo e a estupefação de ver um peixe prateado, que havia apanhado mais por sorte do que por jeito, cintilar ao sol na ponta da sua cana de pesca.

O seu corpo fortaleceu-se; as mãos enrijeceram. Aprendeu a distinguir um alce de um cervo e a cuidar do material de equitação.

Aprendeu a galopar e essa foi uma das maiores emoções da sua vida.

Entrou como jogador convidado na equipa de basebol de Lil demonstrando as suas capacidades.

Anos mais tarde, constataria que a sua vida havia mudado drasticamente naquele verão e nunca mais seria a mesma. Mas, aos onze anos de idade, a única coisa que Coop sabia é que estava feliz.

O avô ensinou-o a cinzelar e a desbastar e, para grande alegria de Coop, presenteou-o com uma navalha... que devia guardar para mais tarde. A avó ensinou-o a escovar um cavalo, de cima a baixo, e a ver se havia sinais de ferimentos ou de doença.

Mas o avô ensinou-o a falar com eles.



— O mais importante é o olhar — disse-lhe Sam. — Também o corpo, as orelhas, a cauda... mas, em primeiro lugar, os olhos. O que ele vê nos teus e o que tu vêes nos dele. — Segurava pela rédea um recalcitrante potro de um ano de idade que se empinava e agitava as patas dianteiras no ar. — Não importa muito o que digas, porque eles conseguem ler-te o pensamento através do teu olhar. Este quer mostrar-te que é duro, mas, na verdade, está é um pouco assustado. O que queremos nós dele? O que vamos fazer? Será que ele vai gostar? Será que o vamos magoar? — Enquanto falava com Coop, Sam fitou os olhos do potro, mantendo sempre um tom de voz suave e tranquilizador. — Nós vamos encurtar-lhe um bocado as rédeas. Uma mão firme não tem de ser necessariamente dura. — Sam segurou na rédea com firmeza. O potro estremeceu e oscilou. — Ele precisa de um nome. — Afagou o pescoço do animal. — Dá-lhe um nome.

Boquiaberto, Coop desviou o olhar do potro para fitar Sam. — Eu?

— Que espécie de nome é «Eu» para um cavalo?

— Quero dizer... hum. *Jones*? Pode ser *Jones*? Como o Indiana Jones?

— Pergunta-lhe.

— Acho que te chamas *Jones*. *Jones* é esperto e valente. — Com uma pequena ajuda da mão de Sam na rédea, o potro anuiu com a cabeça. — Ele disse que sim! Viu?

— Sim, vi. Agora, segura-lhe na cabeça com firmeza, mas sem dureza. Vou colocar-lhe agora a manta da sela. Ele está habituado, mas recorda-lho.

— Eu... É só uma manta. Não te incomodes com a manta, *Jones*. Não dói. Nós não vamos magoar-te. Já estás habituado à manta. O avô diz que hoje vamos habituar-te à sela. Isso também não dói. — *Jones* fitou os olhos de Coop, espetou as orelhas para a frente e nem reparou na sela. — Depois de te habituares à sela, pode ser que eu possa montar-te. Eu não peso muito, por isso não vou magoar-te. Certo, avô?

— Veremos. Segura-o com firmeza, Cooper.

Sam colocou delicadamente a sela de treino em cima do cavalo. *Jones* levantou subitamente a cabeça e deu um salto.

— Está tudo bem. Está tudo bem. — Ele não estava zangado, não era mau, pensou Coop. Estava apenas um pouco assustado. Ele conseguia *sentí-lo*, conseguia vê-lo nos olhos de *Jones*. — É só uma sela. Suponho que estranhes um pouco de início. — Sob o sol da tarde, com suor que mal sentia a humedecer-lhe a *t-shirt*, Coop continuou a falar enquanto o avô prendia a sela.

— Leva-o para o prado, como eu te mostrei. Como fizeste antes de lhe colocar a sela. Ele vai dar mais uns saltos.

Sam recuou para deixar o menino e o potro aprenderem. Apoiou-se na cerca, pronto para intervir se preciso fosse. Atrás de si, Lucy pousou-lhe uma mão no ombro.

— É uma visão maravilhosa, não é?

— Ele tem talento — reconheceu Sam. — E também coração e cabeça. O miúdo tem um dom natural para lidar com cavalos.

— Não quero que ele se vá embora. Eu sei — disse ela antes que Sam pudesse responder. — Não temos o direito de ficar com ele. Mas vou ficar um bocadinho destrocada. De uma coisa estou certa: eles não o amam como nós amamos. Por isso parte-me o coração saber que temos de o mandar de volta.

— Pode ser que ele queira vir no próximo verão.

— Pode ser. Mas... oh, vou sentir tanto a falta dele. — Lucy soltou um suspiro e virou-se ao ouvir chegar uma camioneta. — O ferreiro vem aí. Vou buscar um jarro de limonada.

\* \* \*

Foi o filho do ferreiro, um desengonçado menino de catorze anos com cabelos louros chamado Gull, que, à sombra do celeiro, naquele final de tarde, deu a Coop o seu primeiro — e último — tabaco de mascar.

Mesmo depois de ter vomitado o pequeno-almoço, o almoço e tudo o que mais restava no organismo, Coop continuava, segundo Gull, verde como um gafanhoto. Alertada pelo som dos vómitos, Lucy abandonou o seu trabalho na horta e correu para as traseiras do celeiro. De gatas, Coop continuava com espasmos enquanto Gull observava e coçava a cabeça sob o chapéu.

— Deus do Céu, Coop! Ainda não terminaste?

— O que aconteceu? — perguntou Lucy. — O que fizeste tu?

— Ele quis experimentar mascar um bocado. Não vi mal nisso, dona Lucy.

— Ora, por amor de... Não sabes que não se dá tabaco a um menino da idade dele?

— Para vomitar tem ele jeito.

Como Coop parecia ter terminado, Lucy baixou-se. — Anda, filho, vamos para dentro para te lavares.

Rápida e pragmática, Lucy levou-o para casa. Demasiado fraco para protestar, Coop limitou-se a gemer enquanto ela o despia, deixando-o apenas de boxers. Lavou-lhe o rosto e deu-lhe água fresca a beber. Depois de baixar a persiana para impedir a entrada do sol, sentou-se num lado da cama e pousou uma mão na testa do menino. Ele abriu os olhos avermelhados.

— Foi horrível.

— Espero que tenhas aprendido a lição. — Lucy dobrou-se e beijou-lhe suavemente a testa. — Vais ficar bem. Vais ultrapassar isto. — *Não só isto*, pensou ela. E ficou a fazer-lhe companhia até ele adormecer.

\* \* \*

Coop estendeu-se com Lil sobre a grande rocha plana à beira do riacho.

— Ela não gritou nem nada.

— Ao que é que sabia? Sabe ao que cheira? É que o cheiro é nojento. E o aspeto também.

— Sabe... a caca — decidiu ele.

Ela riu-se à socapa. — Alguma vez provaste caca?

— Já a cheirei bastante este verão. Caca de cavalo, de porco, de vaca, de galinha.

Ela irrompeu em gargalhadas. — Em Nova Iorque também há caca.

— Quase toda é das pessoas. Não preciso de a apanhar à pazada.

Lil virou-se de lado, deitou a cabeça sobre as mãos e estudou-o com os seus enormes olhos castanhos. — Quem me dera que não tivesses de te ir embora. Este está a ser o melhor verão da minha vida.

— O meu também. — Era estranho para si afirmar tal coisa, sabendo que era verdade. Sabendo que o melhor amigo do melhor verão da sua vida era uma rapariga.

— Talvez possas ficar. Se pedisses, podia ser que os teus pais te deixassem viver aqui.

— Não deixam. — Virou-se de costas e viu um falcão voar em círculos.

— Ligaram ontem à noite e disseram que voltavam para casa na próxima semana e que se encontravam comigo no aeroporto e... Bem, não deixam.

— Se deixassem, tu querias?

— Não sei.

— Tu *queres* voltar para lá?!

— Não sei. — Era horrível não saber. — Quem me dera poder visitar Nova Iorque e viver aqui. Quem me dera poder treinar o *Jones* e montar a

*Dottie* e jogar basebol e apanhar mais peixes. Mas quero ver o meu quarto, ir às salas de videojogos e assistir a um jogo dos Yankees. — Virou-se outra vez para ela. — Tu é que podias ir visitar-me. Podíamos ir ao estádio.

— Acho que os meus pais não me deixavam — disse ela com uma expressão triste nos olhos e o lábio inferior a tremelicar. — Provavelmente tu nunca mais voltas aqui.

— Volto, sim.

— Juras?

— Juro. — Estendeu a mão para entrelaçarem os dedos mindinhos.

— Se eu te escrever, tu respondes-me?

— Sim.

— Sempre?

Ele sorriu. — Sempre.

— Então vais voltar. E o puma também. Nós vimo-lo no dia em que nos conhecemos, por isso ele é o nosso espírito guia. Ele é... não me recordo da palavra, mas quer dizer boa sorte.

\* \* \*

Cooper pensou no assunto; como ela passara o verão todo a falar no puma, como lhe havia mostrado fotografias dos livros da biblioteca e dos que havia comprado para si mesma com a mesada. Lil fizera desenhos e pendurara-os no seu quarto, no meio dos galhardetes de basebol.

Na sua última semana na quinta, Coop trabalhou com o seu canivete e com o cinzel que o avô lhe emprestou. Despediu-se de *Dottie*, de *Jones* e dos restantes cavalos, e um pouco menos afetuosamente das galinhas. Arrumou a sua roupa, juntamente com as botas e as luvas de trabalho que os avós lhe haviam comprado. E o seu adorado taco de basebol.

Como havia feito durante todo o caminho no dia da sua chegada, sentou-se no banco traseiro a olhar pela janela. Agora via tudo de forma muito diferente; o grande céu, as montanhas negras que se erguiam em agulhas rochosas e torres denteadas e escondiam florestas, riachos e desfiladeiros.

Talvez o puma de Lil deambulasse por lá.

Viraram para o caminho de acesso à quinta dos Chance para mais uma despedida.

Lil estava sentada nos degraus do alpendre, por isso ele soube que havia estado à sua espera. Ela vestia uns calções vermelhos e uma camisola azul,

e os cabelos saíam por cima da presilha do seu boné preferido. Quando estacionaram, a mãe dela saiu da casa e os cães apareceram a correr das traseiras, latindo e saltando.

Lil levantou-se e a mãe desceu para pousar uma mão no seu ombro. Joe contornou a casa, enfiou as luvas de trabalho no bolso traseiro e colocou-se do outro lado de Lil.

Aquela imagem ficaria para sempre gravada na mente de Coop: mãe, pai e filha, como uma ilha diante da velha casa, com montes, vales e céu em pano de fundo, com um par de cães amarelados a correrem em círculos de pura alegria.

Coop pigarreou ao sair do carro. — Vim despedir-me.

Joe avançou primeiro e estendeu uma mão. Apertou a de Coop e, sem a largar, agachou-se para o olhar nos olhos. — Não te esqueças de nos vir visitar, Sr. Nova Iorque.

— Virei. E mando-vos uma fotografia do estádio dos Yankees quando vencermos o campeonato.

Joe riu-se. — Vai sonhando, filho.

— Cuida-te. — Jenna virou-lhe o boné para trás para se baixar e lhe beijar a testa. — E sê feliz. Não te esqueças de nós.

— Não esquecerei. — Sentindo-se subitamente um tanto envergonhado, Coop virou-se para Lil. — Fiz-te uma coisa.

— Fizeste? O que foi?

Ele estendeu a caixa, arrastando os pés quando ela levantou a tampa. — É um bocado tonto. Não está muito bem feito — disse ele, enquanto ela fitava o pequeno puma que ele esculpira em nogueira. — Não consegui fazer bem o focinho, nem...

Cooper calou-se subitamente, atónito e embaraçado, quando ela o abraçou efusivamente. — É lindo! Vou guardá-lo para sempre. Espera! — Deu meia-volta e correu para dentro de casa.

— É um lindo presente, Cooper — disse Jenna, observando-o atentamente. — O puma agora é dela e ela não admite que digamos o contrário. E tu colocaste um pouco de ti no seu símbolo.

Lil saiu disparada da casa e parou com um derrape diante de Coop. — Esta é a coisa melhor que tenho... antes do puma. Fica com ela. É uma moeda antiga — disse ela, oferecendo-lha. — Encontrámo-la na primavera passada quando estávamos a arar uma horta nova. É antiga e alguém deve tê-la deixado cair há muito tempo. Está muito desgastada, por isso quase não conseguimos ver.

Coop pegou na moeda de prata, tão gasta que mal se percebia o contorno da mulher gravada na sua face.

— É para dar sorte. É um... qual é a palavra, mãe?

— Um talismã — respondeu Jenna.

— Um talismã — repetiu Lil. — Para dar sorte.

— Temos de ir. — Sam deu uma pequena palmada no ombro de Cooper. — É uma longa viagem até Rapid City.

— Boa viagem, Sr. Nova Iorque.

— Eu escrevo! — gritou Lil. — Mas tens de me responder!

— Eu respondo! — Fechando a moeda na mão, Coop entrou no carro. E olhou para trás enquanto pôde, para ver a ilha diante da velha casa encolher e desaparecer.

Ele não chorou. Afinal, tinha quase doze anos. Mas não largou a moeda de prata durante todo o caminho até Rapid City.

## TRÊS

### *Black Hills*

JUNHO, 1997

Lil conduzia o seu cavalo ao longo do trilho coberto pela neblina matinal. Deslocavam-se pelo meio da erva alta e através da água cintilante de um estreito riacho onde hastes de era venenosa se emaranhavam pelo solo antes de subirem a encosta. O ar cheirava a pinho, a água e a erva, e a luz tremeluzia com a delicadeza do amanhecer.

Os pássaros trinavam e chilreavam. Lil ouviu o canto do tordo-da-montanha, o piado rouco de um verdilhão em voo, o irritante alerta de um gao do pinheiro.

Parecia que a floresta ganhava vida ao seu redor, despertada pelos cursos de água e pelos oblíquos raios de luz que penetravam através das copas das árvores.

Não havia outro lugar no mundo onde Lil preferisse estar.

Avistou rastos, maioritariamente de cervos ou de alces, e registou-os no gravador de voz que trazia no bolso da jaqueta. Mais cedo, havia encontrado pegadas de búfalo e, obviamente, inúmeros vestígios do gado do seu pai.

Mas, naqueles três dias de passeio que se havia concedido, não tinha ainda encontrado sinais do felídeo.